

O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS COMO ATIVIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: APRESENTAÇÃO DE ELEMENTOS PARA UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

THE TEACHING OF FOREIGN LANGUAGES AS ACTIVITY IN BASIC EDUCATION: PRESENTATION OF ELEMENTS FOR A THEORETICAL-METHODOLOGICAL PROPOSAL

Paulo Roberto Sehnem (UNIVALI – paulo@webespanhol.com.br)

Rodrigo Schaefer (UFSC - rodrigochafer2@gmail.com)

Resumo:

Atualmente, oportunidades de comunicação despertam interesse em áreas como ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Trabalhos como os de Luna (1995), Sehnem (2006) e Luna e Sehnem (2013) mostram que o êxito do ensino e aprendizagem se deve às características e aos recursos da prática de ensino como atividade e apontam para a necessidade de um remodelamento ou reordenamento dos componentes dos cursos de línguas no Ensino Regular Básico. Consideramos que o uso da telecolaboração, definida por O'Dowd (2013) como o uso de ferramentas online para o desenvolvimento de habilidades linguísticas dos alunos, converge para o ensino de línguas como atividade. Portanto, o objetivo desse estudo é apresentar uma lista de elementos que devem compor nossa proposta teórico-metodológica para o Ensino Regular Básico no próximo semestre, a saber: oportunidade de praticar oralmente a língua estrangeira; aprendizagem em conformidade com os interesses e necessidades dos alunos; e possibilidade de introduzir uma abordagem intercultural.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras; telecolaboração; aprendizagem de língua online.

Abstract:

Currently, communication opportunities are of interest in areas such as teaching and learning foreign languages. Scholars such as Luna (1995), Sehnem (2006) and Luna and Sehnem (2013) show that the success of teaching and learning is due to the characteristics and resources of the teaching practice as an activity and point to the need for a remodeling or reordering of the components of language courses in Basic Regular Education. We consider that the use of telecollaboration, defined by O'Dowd (2013) as the use of online tools to develop students' language skills, is in line with the teaching of languages as an activity. Therefore, the objective of this study is to present a list of elements that should comprise our theoretical-methodological proposal for Basic Regular Education in the next semester, namely: the opportunity to practice orally the foreign language; learning in accordance with students' interests and needs; and the possibility of introducing an intercultural approach.

Keywords: Teaching and learning foreign languages; telecollaboration; online language learning.

1. Introdução

Oportunidades de comunicação no mundo atual despertam interesse em áreas como ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (doravante LE). Isso pode ser percebido em documentos oficiais e declarações políticas, e se encontra cada vez mais incorporado ao discurso e aos currículos de ensino de LE. Corroborando esta afirmação Byram (2011):

Todas as declarações de políticas sobre ensino de línguas – sejam as de carácter internacional como o Marco Comum Europeu de Referência para as Línguas (MARCO, 2001), os currículos nacionais ou inclusive as explicações que os centros educacionais e universidades oferecem aos alunos e a seus pais – mencionam hoje em dia a importância da “comunicação” e a “competência comunicativa”. (BYRAM, 2011, p. 36 – Tradução nossa).

De acordo com Sehnem e Luna (2013), esta competência comunicativa esperada, que é a união do conhecimento linguístico com a capacidade discursiva que permite ao aluno expressar-se e fazer-se entender tanto no registro oral quanto no escrito, é atualmente destacada como diferencial no mercado de trabalho, sendo objetivo a ser alcançado em um curso de LE.

Muitos países sofrem críticas devido à incapacidade das escolas regulares (públicas e privadas) de alcançar objetivos comunicativos. Igualmente, é bastante comum que estudantes de cursos de LE do Ensino Regular Básico concluam o Ensino Médio sem a capacidade de se comunicar razoavelmente na língua estudada. Por isso, o objetivo deste artigo é apresentar uma proposta teórico-metodológica para o professorado que trabalha no Ensino Regular Básico.

Luna (1995), Sehnem (2006) e Luna e Sehnem (2013) ensaiam a caracterização do ensino de línguas como *disciplina* e como *atividade*. Para os autores, a modalidade *disciplina* (sugiro colocar a palavra *disciplina* em itálico) está ligada às escolas cuja denominação é conhecida como regular (ER), mantida em escolas tanto públicas como privadas. Suas principais características são: 1. única opção de LE na escola; 2. livro didático como única ferramenta de ensino (normalmente); 3. elevado número de alunos em sala; 4. métodos não assimilados pelos professores; 5. professores com insuficiente conhecimento de uma ou mais habilidades linguísticas; 6. obrigatoriedade do ensino contrariada pela não reprovação; 7. falta de credibilidade no aprendizado por parte do aluno e até do professor. Por outro lado, a modalidade *atividade* configura os tradicionalmente chamados “cursinhos”, tais como os de computação, judô, balé e natação. Suas principais características são: 1. várias opções de LE; 2. carga horária quase nunca inferior a três horas semanais; 3. grupos com número reduzido e nivelado de alunos; 4. apoio em livro e em outros materiais didáticos; 5. professores (em sua maioria) qualificados e treinados no método e abordagem; 6. aprovação ou progresso por mérito; 7. crédito na eficiência e sucesso no seu resultado final.

Para muitos professores de línguas e educadores do Ensino Regular Básico, pode parecer difícil oportunizar a seus alunos um contato com a LE cujos resultados sejam comunicativos e interculturais. A esse respeito, O’Dowd (2006) destaca que as tecnologias *online* podem prover meios oportunos para que o referido contato seja possível. Dito isto, como abordar uma LE, tal como o inglês e o espanhol, como *atividade* no rol de disciplinas

da educação básica regular do Brasil? Esta é a pergunta que sucedeu à publicação de Luna (1995) e se mantém como lacuna científica desde então.

As respostas a essa pergunta convergem para uma relação direta que defendemos entre a abordagem como *atividade* e a utilização da telecolaboração. O'Dowd (2013) define telecolaboração como “[...] a aplicação de ferramentas de comunicação on-line para reunir aulas de aprendizes de línguas em locais geograficamente distantes para desenvolver suas habilidades em LE e a sua competência intercultural através de tarefas colaborativas e trabalho de projeto” (p.123, tradução nossa).

Um modelo específico de telecolaboração é o Teletandem¹. Para Telles (2015), “Teletandem é um contexto virtual, autônomo e colaborativo no qual dois falantes de línguas diferentes utilizam recursos de tecnologia VOIP (texto, voz e imagem de webcam) para ajudar o parceiro a aprender a sua língua materna (ou língua de proficiência)” (p.604). As sessões de interação costumam ocorrer pelo Skype². O Teletandem tem três princípios norteadores: reciprocidade, autonomia e uso separado das línguas (TELLES, 2009). Autonomia está relacionada com o compromisso de ambos interagentes tanto com a sua própria aprendizagem quanto com a do seu parceiro(a), ao passo que reciprocidade está associada com o apoio mútuo e com a interdependência entre dois aprendizes, na intenção de se alcançar os objetivos esperados por meio dessa parceria (BRAMMERTS, 1996). O uso separado de línguas, por sua vez, estabelece que as duas línguas em questão não podem ser misturadas (VASSALLO; TELLES, 2006).

Outro modelo de telecolaboração é o “*The Cultura Exchange Programme*”. Trata-se de um ambiente híbrido de aprendizagem criado por Furstenberg no MIT (Massachusetts Institute of Technology), Estados Unidos. O *Cultura* guarda em sua gênese o interesse maior em ensinar língua e cultura como algo indissociável e, de acordo com Furstenberg (2016), sua intenção consiste em levar os estudantes a estarem constantemente envolvidos com a cultura estrangeira.

Portanto, considerando que a telecolaboração permite a prática oral com falantes da LE, outra pergunta geradora de objeto de pesquisa é a seguinte: como a telecolaboração possibilita o ensino da LE como *atividade* na Educação Regular Básica brasileira? Com a intenção de responder a essa pergunta, na próxima seção apresentamos uma lista de elementos que devem compor nossa proposta teórico-metodológica para as aulas do Ensino Regular Básico. Ressaltamos que é com base nas teorizações principalmente da área da telecolaboração, tal como do contexto do Teletandem, que essa lista se erige.

3

2. Elementos que devem integrar nossa proposta teórico-metodológica para o ensino de línguas estrangeiras na educação básica

2.1. Oportunidade de praticar oralmente a LE

Dado que para Leone e Telles (2016) no Teletandem dois alunos ajudam o parceiro a aprender a sua língua (nativa ou outra) por meio de colaboração sincrônica *online*, por

¹ Nesse estudo, Teletandem refere-se especificamente ao projeto Teletandem Brasil: Língua Estrangeira para Todos (TTB), criado em 2006 e desenvolvido por uma universidade do estado de São Paulo. Seu objetivo é oportunizar o contato entre alunos brasileiros e de outros países.

² O Skype é um *software*, o qual propicia comunicações de voz e vídeo através da Internet.

exemplo, o Skype, é possível perceber como esse contexto telecolaborativo favorece uma prática significativa da LE. Com efeito, um dos princípios norteadores do Teletandem é a separação de língua (TELLES, 2009), ou seja, a prática de cada um dos dois idiomas em quantidade iguais de tempo, por exemplo, trinta minutos em português e trinta minutos em inglês.

Num modelo de telecolaboração tal como o Teletandem, é possível dar a oportunidade para todos os alunos praticarem a LE oralmente. É possível, igualmente, ampliar formas de prática da língua, por exemplo, o aluno da escola brasileira pode sugerir com seu parceiro da escola estrangeira um horário extraclasse para um encontro virtual.

2.2. Aprendizagem em conformidade com os interesses e necessidades dos alunos

Como vimos, um dos princípios norteadores do Teletandem é autonomia. Para Brammert (1996), esse conceito diz respeito à responsabilidade que os interagentes adotam a fim de favorecer tanto a sua própria aprendizagem quanto a do seu parceiro (a). Nessa perspectiva, como não existe necessariamente a determinação de um tópico a ser discutido, por exemplo, por um professor, os próprios alunos podem negociar os assuntos que querem debater e inclusive a forma como pretendem conversar e lidar com esses assuntos. Isso também permite afirmar que, contrariamente a contextos de ensino de línguas em que os conteúdos e temas são propostos, por exemplo, pelos livros didáticos, os quais nem sempre despertam a motivação dos alunos, eles próprios podem sugerir temas com os quais têm maior identificação e que estejam de acordo com seus reais interesses e necessidades.

Arelado à visão de ensino como *disciplina*, modalidade anteriormente explicitada, não raras as vezes os alunos do Ensino Regular Básico buscam uma escola especializada no intuito de encontrar condições que vão ao encontro a seus reais interesses ou necessidade como aprendiz de línguas. Diante disso, de acordo com o contexto do Teletandem, o que está coerente com a visão de ensino como *atividade*, os alunos podem eles próprios optar pelos assuntos que desejam debater e aprender. Outra possibilidade é o aluno da escola brasileira sugerir ao seu parceiro da escola estrangeira um assunto linguístico específico ou um aspecto cultural referente ao país de seu parceiro (a). Nesse caso, as sessões *online* se desenvolveriam a partir de uma necessidade ou interesse por parte do próprio aluno (a).

2.3. Possibilidade de introduzir uma abordagem intercultural

Em primeiro lugar, Belz (2002) afirma que existe a possibilidade de lidar com assuntos interculturais por meio da telecolaboração. Assim sendo, em função do contato com alunos de outras culturas e países que pode ser proporcionado através de sessões de telecolaboração, o encontro intercultural nessas circunstâncias é real.

Apesar de reconhecermos a necessidade de abordagem comunicativa inserida no ensino de línguas do Ensino Regular Básico, acreditamos que não seja suficiente para a formação integral do aprendiz em razão de que, de acordo com Hanna (2015), a abordagem intercultural também deve ser adotada. Para a autora, “ao mover-se de uma cultura para outra o aprendiz de línguas se transforma num “aprendiz intercultural”, e,

como tal, necessitará de uma abordagem intercultural em seu aprendizado” (p. 2, ênfase da autora).

Dentro da perspectiva de ensino de línguas como *atividade*, os resultados do estudo de O’Dowd (2006) ajudam a corroborar o nosso argumento de que atividades telecolaborativas podem ser convenientes para a adoção de uma abordagem intercultural. Em seu estudo, o autor constatou que a utilização de videoconferência para a consecução de um projeto telecolaborativo num país europeu favoreceu a aprendizagem intercultural de seus alunos universitários, no sentido de que eles tiveram a oportunidade de levantar questionamentos e esclarecer dúvidas relativas a questões culturais do outro país.

3. Algumas Considerações

Trabalhos como os de Luna (1995), Sehnem (2006) e Luna e Sehnem (2013) comprovam a tese de que o êxito do ensino aprendizagem se deve às características e aos recursos da prática de ensino como *atividade* e apontam para a necessidade de um remodelamento ou reordenamento dos componentes dos cursos de línguas no Ensino Regular Básico. A telecolaboração como campo de estudos e possibilidade teórico-metodológica se alinha com as disposições tecnológicas atuais e permite ao docente introduzir elementos que aproximam o estudante do mundo real, em tempo real, com atividades reais que geram a motivação para o aprendizado de uma segunda ou terceira língua.

4. Referências

BELZ, J. A. Social dimensions of telecollaborative foreign language study. **Language Learning & Technology**, v. 6. n.1, p. 60-81, 2002.

BRAMMERTS, H. Tandem language learning via the internet and the International E-Mail Tandem Network. In.: Little, D.; Brammerts, H. (Ed.). A guide to language learning in tandem via the internet. **CLCS Occasional Paper**, n. 46. Dublin: Trinity College, Dublin. p. 9-22, 1996.

BYRAN, M. Competencia intercultural y competencia comunicativa intercultural: un reto para la enseñanza de lenguas. In: POWELL-DAVIES, P.; OTERO, J. (Ed.). **Word for Word Palabra por palabra: El impacto social, económico y político del español y del inglés**. Espanha: Instituto Cervantes, British Council e Editora Santillana, 2011. p.35-46. Disponível em: https://www.teachingenglish.org.uk/sites/teacheng/files/381617_COMPLETO.pdf > Acesso em: 20 mai, 2017.

CONSEJO DE EUROPA. **Marco Común Europeo de Referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación**. Madrid: Anaya, 2001.

FURSTENBERG, G. The Cultura Exchange Programme. In: O’Dowd, R; Lewis, T. (Eds.). **Online Intercultural Exchange: Policy, Pedagogy, Practice**. New York: Outledge; p.248-255, 2016.

HANNA, V. L. H. O viés intercultural no ensino de línguas estrangeiras: aprendizes como etnógrafos modernos. In V. L. H., Hanna (Ed.). **Linguagens e Saberes: estudos linguísticos** (Vol. 1, p. 91-103). São Paulo, SP: Annablume Editora, 2015.

LEONE, P. ; TELLES, J.A. The teletandem network. In O’Dowd, R; Lewis, T. (Eds.), **Online intercultural exchange: Policy, pedagogy, practice** (pp. 241–255). New York: Routledge, 2016.

LUNA, J. M. F. O Ensino de Inglês como Disciplina e como Atividade: algumas considerações. **Alcance**, v.2 n.1, p.51-58, 1995.

LUNA, J. M. F.; SEHNEM, P.R. Erasmus e Ciência sem Fronteiras: considerações iniciais sobre mobilidade estudantil e política linguística. **RBPAE**, v.29, n.3, p.445-462, set/dez, 2013.

O’DOWD, R. The Use of Videoconferencing and E-mail as Mediators of Intercultural Student Ethnography. In: J.A Blez and S. Thorne (eds.). **Internet-mediated intercultural Foreign Language Education**. Boston MA: Heinle and Heinle. (pp. 86-120), 2006.

_____. Telecollaboration and CALL. In M. Thomas, H. Reindeers, & M. Warschauer (Eds.), **Contemporary computer-assisted language learning** (pp. 123–141). London: Bloomsbury Academic, 2013.

SEHNEM, P. R. **Ensino de espanhol como língua estrangeira: disciplina x atividade**. 2006. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNIVALI, Itajaí, 2006.

SEHNEM, P. R. LUNA, J. M. F. Estratégias para o ensino de espanhol como atividade na escola pública. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 97-115, jan./jun, 2013.

TELLES, J. A. (Org.). **Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

_____. **Learning foreign languages in teletandem: Resources and strategies**. DELTA [online], vol.31, n.3, pp.603-632, 2015.

VASSALLO, M. L.; TELLES, J. A. Foreign language learning in-tandem: Theoretical principles and research perspectives. **The ESpecialist**, v. 27, n. 1,p. 83-118, 2006.